

GRUPO DE TRABALHO
PSICOLOGIA E RELAÇÕES DE GÊNERO

Coordenadora:

Maria Inácia D'Ávila Neto (EICOS-UFRJ)

Participantes:

Maria Cristina Ferreira (UGF)
Maria Lúcia Miranda Afonso (UFMG)
Maria Lúcia Rocha Coutinho (EICOS-UFRJ)
Nara M. G. Bernardes (PUC-RGS)
Rosa Maria Nader (UFF)
Terezinha Camargo Viana (UnB)

INSTRUMENTALIDADE, EXPRESSIVIDADE E ALGUNS CORRELATOS PSICOLÓGICOS

Maria Cristina Ferreira

Mestrado em Psicologia da Universidade Gama Filho

Segundo Spence e Helmreich (1978), a instrumentalidade e a expressividade se constituem em duas dimensões independentes de personalidade, associadas respectivamente a um papel masculino e feminino, que se encontram presentes ao mesmo tempo no indivíduo, em maior ou menor grau, e que apresentam uma íntima relação com os comportamentos e atributos psicológicos que se enquadram num domínio instrumental ou expressivo. Para a mensuração destes constructos, Spence, Helmreich e Stapp (1975) desenvolveram o PAQ (Questionário de Atributos Pessoais). Tal instrumento foi adaptado ao meio cultural brasileiro pela presente autora, que o utilizou em três diferentes estudos, fundamentados neste referencial teórico. O primeiro estudo, com 800 sujeitos, testou a hipótese de que os homens apresentavam uma instrumentalidade significativamente maior que as mulheres, que por sua vez, apresentavam uma expressividade significativamente maior que os homens, tendo tal hipótese se confirmado. O segundo estudo, com 360 sujeitos, testou a hipótese de que a instrumentalidade se correlacionava positivamente com a importância atribuída aos valores voltados para a ação, enquanto a expressividade se correlacionava positivamente com a importância atribuída aos valores voltados para o altruísmo, tendo tal hipótese também se confirmado. O terceiro estudo, com 308 sujeitos, testou a hipótese de que apenas a instrumentalidade se correlacionava positivamente com a auto-estima. Tal hipótese se confirmou somente na amostra masculina, já que, na amostra feminina, a auto-estima apresentou uma correlação positiva apenas com a expressividade. Concluiu-se que o referencial teórico de Spence e Helmreich (1978) pode ser útil ao desenvolvimento de pesquisas futuras sobre as questões de gênero com sujeitos brasileiros.

UM MUNDO MUITO FEMININO: GÊNERO E PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO EM CRECHES COMUNITÁRIAS*

*Maria Lúcia Afonso
Mestrado em Psicologia Social
Universidade Federal de Minas Gerais*

O artigo apresenta os resultados de pesquisa sobre a socialização de meninas e meninos em creches comunitárias. O trabalho de campo foi realizado em cinco creches comunitárias em Belo Horizonte e Contagem e constou de observação participante, entrevistas qualitativas, um Seminário com as educadoras, e acompanhamento das discussões relativas à pesquisa na Coordenação do MLPC. Foi redigida, ainda, uma cartilha sobre a Educação para a Igualdade, discutindo a necessidade de se acabar com discriminações sociais relativas ao sexo, cor, classe social, e tipo de família das crianças nas creches e escolas. Para entender a diferença na socialização dos gêneros, há que se pensá-la, em primeiro lugar, inserida em um todo, em um universo simbólico, em uma cultura do mundo do qual a creche faz parte, em um "saber" cotidiano que organiza esse mundo de maneira hierárquica. Podemos pensar a socialização diferencial entre meninos e meninas, nas creches comunitárias, através de quatro pontos principais: (1) a relativa flexibilidade da concepção da identidade de gênero da criança em relação a brinquedos e brincadeiras, até uma idade próxima da pré-adolescência, quanto então a flexibilidade é substituída por uma socialização diferencial apontando diferentes lugares para meninas e meninos na educação para o trabalho e em assuntos de sexualidade. (2) a relativa rigidez da concepção da divisão sexual do trabalho, expressa na ajuda que as meninas, mais do que os meninos, prestam nas tarefas da creche. (3) a ambivalência demonstrada pelas educadoras das creches diante das famílias das crianças e especialmente de famílias chefiadas por mulheres, pelo fato de deixarem as crianças na creche, evidenciando uma concepção de família onde o homem está referido ao espaço produtivo e, a mulher, ao espaço doméstico. (4) a dificuldade expressa das educadoras em lidar com a sexualidade infantil, especialmente a sexualidade dos meninos. A maioria das educadoras afirma que meninos são mais rebeldes, "atentados"

* Realizada no período de agosto de 1992 a agosto de 1993, a pesquisa foi promovida pelo Movimento de Luta Pró-Creche - MLPC/BH/MG - e financiada pela Fundação Carlos Chagas/SP

e independentes enquanto as meninas são mais quietas, vaidosas, carinhosas e dependentes. As educadoras apontam uma flexibilidade em relação a jogos e brinquedos de meninos e meninas, contrastada pela diferenciação em relação à esfera da afetividade, emotividade e sexualidade. A incipiente preocupação com a educação diferencial entre educadoras de creche quando se trata da criança pequena não atesta a inexistência de expectativas diferenciadas diante do sexo feminino ou masculino. O que se passa é que essa preocupação é adiada para uma idade posterior, acentadamente no início da adolescência, quando a educação para o trabalho deverá diferenciar meninos e meninas e quando a definição cultural da sexualidade irá trazer diferentes padrões de aceitação e vivência da sexualidade feminina e masculina. A socialização de meninos e meninas está fortemente ligada à divisão sexual do trabalho, à idéia de que a sua sexualidade se desenvolve com rumos diferentes, e à estigmatização das formas de família diferentes da família nuclear com divisão de papéis sexuais onde o homem está referido ao espaço público e a mulher ao domínio da vida privada. Em um "mundo muito feminino", onde mulheres são a maioria dos educadores, a discriminação de gênero nas creches comunitárias aparece como sistema organizador do mundo, vinculada às diferenças existentes na hierarquia da família e da sociedade. Em primeiro lugar aparece como contradição, segundo a qual a creche se constitui como uma extensão do papel feminino da maternagem e ao mesmo tempo expande esse papel. Em segundo, e justamente por essa contradição, aparece como auto-estigmatização de um feminino que hesita entre papéis.

O DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR NO ESTUDO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

*Maria Lúcia Rocha Coutinho
Instituto de Psicologia
Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Neste trabalho pretendemos desenvolver a idéia de que os Estudos de Gênero constituíram-se, desde seu início, nas universidades européias e norte-americanas, como um campo de saber eminentemente interdisciplinar, em função do estabelecimento de um diálogo não apenas entre os movimentos feministas e a academia, como também entre as diversas disciplinas nele envolvidas. Tal fato acarretou uma justaposição extremamente interessante de dados, perspectivas e métodos de investigação, responsável, em grande parte, pela vitalidade do campo. No Brasil, contudo, só muito recentemente as pesquisas sobre gênero começaram a ganhar fôlego e a apontar para uma interdisciplinaridade. Mesmo assim, ainda hoje, pode-se notar que o uso do conceito aparece impregnado de enfoques importados, já ultrapassados nos países onde se originaram, e, muitas vezes, o termo "gênero" é utilizado, na verdade, como sinônimo de mulher. Acreditamos, assim, que nosso maior desafio, no momento, reside numa maior elaboração da categoria gênero, bem como no aprofundamento interdisciplinar e estreitamento do diálogo com outras alteridades culturais e sociais. Novos campos de investigação se abrem e novos avanços teóricos e metodológicos, referidos a nossas práticas concretas, se fazem cada vez mais necessários.

IMAGENS DE MULHER E HOMEM EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DAS CLASSES POPULARES: UNIFORMIDADES, VARIAÇÕES E AMBIGÜIDADES

Nara M. G. Bernardes

Mestrado de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Este estudo faz parte de um projeto de pesquisa* que problematiza a construção da subjetividade de crianças e adolescentes, negras (os) e não-negros (as) das classes populares. Focaliza, mais especificamente, as imagens de mulher e homem que constituem essa subjetividade. A partir de sua vida cotidiana, foram desveladas, por meio de uma análise compreensiva de base fenomenológica, as vivências e significações de um grupo de vinte e oito crianças (9 a 12 anos) e doze adolescentes (13 a 15 anos) que habitam uma vila na periferia urbana de Porto Alegre (RS). As imagens que emergiram dessas vivências e significações mostram que ser mulher e ser homem se constituem em múltiplas esferas de experiência tais como a família, o trabalho no espaço privado, o trabalho no espaço público, o movimento no espaço público. A compreensão das uniformidades, variações e ambigüidades de tais imagens se dá na perspectiva das relações de gênero, classe social, raça e idade.

* Este projeto se insere na linha de pesquisa "Subjetividade, relações de gênero e sexo" e tem recebido apoio do CNPq, FAPERGS e PUCRS

SUBJETIVIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO FEMININO: A "LIBERTAÇÃO MENOPAURÉTICA" E AS CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO DAS MULHERES

Rosa Maria Nader
Universidade Federal Fluminense

"Descobri que estou entrando na menopausa, meus filhos cresceram e não precisam mais de mim, estou perto de me aposentar, mas eu ainda estou viva! Quero trabalhar, contribuir com o que sei fazer de melhor, com o que gosto de fazer, e que considero um trabalho importante, que é a administração de um departamento". Esta pesquisa fundamenta-se no referencial das relações de gênero enquanto práticas que vão tecendo fios quase invisíveis, que compõem a textura das relações sociais entre homens e mulheres na vida cotidiana, no trabalho doméstico e no assalariado, na fábrica ou escritório, no sindicato e no desemprego. Essas relações articulam, ao mesmo tempo, experiências, atitudes, tempos e espaços, tornando o trabalho feminino diferente do trabalho masculino, produzindo diferenças entre trabalhadoras e trabalhadores, e em suas percepções e vivências dos mundos do trabalho. Na análise da relação mulher-trabalho, utilizamos uma abordagem da divisão social do trabalho em termos de relações sociais de classe e de gênero, e a concepção de indissociabilidade da produção econômica e da reprodução social (cuja autonomização pelo capitalismo produz o reassentamento da divisão sexual do trabalho, designando homens prioritariamente para o setor econômico ou produtivo, e mulheres para o setor reprodutivo, ou da produção de seres humanos, de subjetividades). Algumas perguntas orientam a pesquisa. Uma delas é: o que e como vivenciam, e o que pensam sobre TRABALHO mulheres que exercem sua prática de trabalho profissional em agências sociais do setor da reprodução, seja na forma assalariada, em estabelecimentos educacionais, de saúde e culturais, seja através do trabalho autônomo nesses mesmos setores. Considerando a determinação de classe na diferenciação das vivências de trabalho tanto para homens quanto para mulheres, esta etapa da pesquisa busca os elementos de análise da relação mulher-trabalho em segmentos ocupacionais mais próximos ao pólo da decisão e do planejamento, no pólo do trabalho intelectual (lugares que têm a marca de características socialmente valorizadas como masculinas, como eficiência, racionalidade e produtividade, pilares da organização do trabalho no capitalismo). Entrevistamos mulheres com idade próxima a 45 anos,

quando se aproxima o final da capacidade reprodutiva - o climatério - relógio biológico cujas manifestações dizem a uma mulher que seus anos férteis estão quase no fim. A reprodução tem sido um núcleo definidor da identidade feminina e dos mecanismos sociais de controle e subordinação da mulher não apenas na vida privada, mas também nos setores produtivos (produção/reprodução). Tendo já percorrido as etapas biológicas da potência reprodutiva, quais as relações e transversalizações percebidas entre subjetividade-sexualidade-procriação e trabalho profissional? E qual a apreensão da relação entre trabalho doméstico/papéis de esposa-mãe e trabalho profissional? As perguntas formuladas orientam uma primeira abordagem ao conteúdo das falas das mulheres entrevistadas, e uma análise preliminar é apresentada.

LINHAS DO IMAGINÁRIO: SUBJETIVIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO NO DISCURSO SOCIAL DO SÉCULO XIX

*Terezinha de Camargo Viana
Pós-Graduação em Psicologia
Universidade de Brasília*

Neste trabalho buscar-se-á problematizar como no discurso teórico-literário do século XIX estão contidos elementos da reflexão contemporânea referente ao constructo "relações sociais de gênero". Inicialmente apontar-se-á as ressonâncias e exigências epistemológicas implícitas nesse constructo teórico. Num segundo momento, deter-se-á na análise do discurso social do século XIX, sobretudo na França, delimitando-o enquanto espaço teórico de convivência contraditória de formulações libertárias e normatizadoras quanto às relações de gênero. A reflexão terá como referência escritos do período, dando particular relevo à contribuição de Honoré de BALZAC (1799-1851), por ser este um autor de estabelece como pressuposto de suas formulações teórico-literárias o pensar as relações entre os gêneros e, por manter estrita interlocução com personagens sociais da época. Indicar-se-á como o debate conflui no sentido de fazer emergir questões fundamentais quanto a constituição da subjetividade contemporânea.